DOI: 10.67503/2595-153X.v48n56.633

A importância da coisidade dos objetos e seu potencial evocativo: um convite à experiência

The importance of the thingness of objects and their evocative potential: an invitation to experience

Fátima Flórido Cesar[*]
Marina F. R. Ribeiro[**]

Resumo
O artigo discute, a partir das ideias de Christopher Bollas, o papel dos objetos evocativos e transformacionais na constituição e expansão do *self*. Por meio de experiências clínicas e vivenciais, destaca-se como a integridade dos objetos – sua "coisidade" – pode provocar transformações subjetivas e despertar estados psíquicos. O conceito de idioma pessoal é central, articulando a forma singular com que cada sujeito se relaciona com os objetos e é por eles afetado. O texto ressalta a função estética dos objetos e seu poder de reativar memórias e gerar novas significações. A partir da noção de genera, propõe-se uma compreensão do inconsciente como espaço criativo.
Palavras-chave: Christopher Bollas. Objetos evocativos. Idioma. Genera.

Abstract
The article discusses, based on the ideas of Christopher Bollas, the role of evocative and transformational objects in the constitution and expansion of self. Through clinical and experiential accounts, it highlights how the integrity of objects – their "thingness" – can provoke subjective transformations and awaken psychic states. The concept of personal idiom is central, articulating the unique ways in which each subject relates to and is affected by objects. The text emphasizes the aesthetic function of objects and their power to reactivate memories and generate new meanings. Drawing on the notion of genera, the article proposes an understanding of the unconscious as a creative space.
Keywords: *Christopher Bollas. Evocative objects. Idiom. Genera.*

[*] Pós-doutorado em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Pós-doutoranda em Psicologia Clínica pela Universidade de São Paulo (USP). Doutora em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Pesquisadora do Laboratório Interinstitucional de Estudos da Intersubjetividade e Psicanálise Contemporânea (LipSic). São Paulo, SP, Brasil. fatacesar@gmail.com

[**] Psicóloga, psicanalista. Professora livre docente do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP). Orientadora de mestrado e doutorado no Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica da Universidade de São Paulo (USP). Coordenadora do Laboratório Interinstitucional de Estudos da Intersubjetividade e Psicanálise Contemporânea (LipSic). São Paulo, SP, Brasil. marinaribeiro@usp.br

Não sou eu quem me navega
Quem me navega é o mar
É ele quem me carrega
Como nem fosse levar
É ele quem me carrega
Como nem fosse levar
Timoneiro nunca fui
Que eu não sou de velejar
O leme da minha vida
Deus é quem faz governar
E quando alguém me pergunta
Como se faz pra nadar
Explico que eu não navego
Quem me navega é o mar

Paulinho da Viola (2007)

Era noite e eu[1] poderia ter ficado em casa, esta evocadora de abrigo com a promessa da garantia dele. Mas fui convidada para participar de uma roda de samba. O convite se metamorfoseou internamente em um desejo inconsciente de ter essa experiência. Poderia não entender o porquê de ir ao encontro do que agora nomeio de "o chamado", mas certamente era a "pedido" do meu inconsciente; e, assim fui, levada por um impulso, sem saber ao certo o que me esperaria.

Lembramos de Bollas que fala em *O mundo dos objetos evocativos* (2009/2025) que precisamos de contato com objetos reais e da experiência vivida. De modo interessante ele com frequência diz aos seus analisandos que devem "permitir que a experiência venha e tenha sua palavra final em suas deliberações em vez de decidirem com antecedência o que pensam sobre ela!" (2009/2025, p. 136). Pensamos que às vezes é preciso uma abertura, uma espécie de receptividade côncava. Outras vezes somos visitados pelo inesperado: brindados pela surpresa.

Voltando à minha pequena história: chego ao local da roda de samba. É um botequim, um desses que no Rio de Janeiro chamamos de pé sujo: só serve refrigerante, cerveja e batata frita. É estreito e cheio das variadas gentes: jovens, muitos jovens, velhos, brancos e pretos com o samba correndo solto. A maioria das pessoas ali se conhece e o espírito do lugar é de amistosidade e euforia: a

1. Inspiramo-nos em Bollas em seus vários relatos em primeira pessoa. A experiência da roda de samba e a vinheta clínica apresentada são de uma das autoras.

vida, diz Bollas (1992/1998), nos envolve de variadas maneiras e de modo inequívoco através do uso dos objetos que evocam experiências do *self*. Assim, me sinto levada pelo espírito do lugar a me sentir à vontade; mas não faço parte do clima de euforia. Seguem as canções cujas letras quase todos conhecem e eu desconheço; sinto um leve anseio de estar mais envolvida pelos ritmos; mas isso não estraga o, embora discreto, festejar interno. Saboreio a visão do entusiasmo à volta: cantoria e corpos sambando. Não há lugar para sentar, de tão cheio que está o estreito lugar e continuo ficando suavemente bem. É quando um samba me arrebata, começo a cantar trechos da letra, ponho-me a dançar pouco sabendo sambar, ganho um novo corpo, balanço os cabelos, finalmente fazendo parte da sensualidade do lugar. Rodopio e experimento entusiasmo e, mais que isso, vivencio uma experiência de *self*[2] diversa das que vinha descrevendo até então. É uma experiência que está em sintonia com meu idioma[3], provocando uma transformação no estado do *self,* o que Bollas define como momento estético.

A canção, os ritmos que me surpreenderam em sua integridade me chamaram, não fui eu que fui ao encontro; o objeto samba – em sua "coisidade"[4] – me chamou e assim tive uma experiência de transformação, um senso de expansão interna. Quando entrei naquele ambiente de objetos diversos, as várias dimensões de estar, o olhar e os sentidos percorrendo o que a mim se apresentava, cada aspecto do que percebi, consciente e inconscientemente, provocava diferentes estados de *self*. Segundo Bollas (2025), a seleção de objetos corresponde a uma forma de pensamento diferente. Escolhi ir à roda de

2. "O *self* da pessoa é a história de muitas relações internas. Cada infante, criança, adolescente e adulto (através do ciclo da vida) experiencia as – teoricamente infinitas – partes do self, articuladas por meio da interação entre realidade interna e externa. A partir do momento em que qualquer uma das partes for objetificada (no pensamento ou no sentimento), ela começa a existir. Não há nenhum fenômeno mental unificado que possamos denominar de self, embora eu passe a usá-lo como se fosse uma unidade; é verdade que todos nós vivemos no reino da ilusão, e nesse reino o conceito de *self* tem um significado particularmente relevante" (BOLLAS, 1992b, p. 22-23).

3. "Para se referir ao cerne do self, Bollas usa a palavra *idioma*. Como nossa impressão digital física, nós nascemos com ela como parte de nossa identidade. Nunca podemos alterá-la ou perdê-la, e ninguém mais a terá, exceto nós mesmos. Esse 'núcleo de lógica' gera a estética única que orienta nossa relação idiossincrática com o mundo, a maneira pela qual, inconscientemente, abordamos nossa experiência" (NETTLETON, 2018, p. 40).

4. "O mundo dos objetos – sua "coisidade'– é crucial para o nosso uso. À medida que nos movemos, vivemos em um mundo evocativo que só o é porque os objetos têm uma integridade própria. (...) Essa integridade de um objeto – o caráter de sua *coisidade* – tem um potencial processional evocativo. Ao ser utilizado pelo self, ele pode ou não levar o indivíduo a uma experiência psicossomática complexa" (BOLLAS, 2009/2025, p. 129)

samba – um tipo de objeto que atendia a necessidades internas naquele determinado momento. Segundo Nettleton: "As qualidades intrínsecas desse objeto ressoam conosco de forma idiossincrática e evocam aspectos de nosso idioma, nosso senso instintivo de forma. Dessa forma, a realidade exterior atende a realidade interior" (2018, p. 77).

Poderia ter ficado em casa, mas, ao escolher uma "roda de samba", algo conceitualmente diverso era solicitado; distinto de, no dizer de Bollas, de uma escalada, uma música de câmara, festas ou mergulho. Ao pensar em relacionarmo-nos com cada um desses objetos, uma noção psíquica diferente vem à mente. Como dissemos acima, cada escolha do objeto corresponde a uma forma de pensamento, a uma noção psíquica específica.

Iniciamos esta pequena história para aos poucos apresentar ao leitor ideias de Bollas em torno do uso de objetos, de modo especial dos objetos evocativos: "À medida que nos movemos, vivemos em um mundo evocativo que só o é porque os objetos têm uma integridade própria" (2009/2025, p. 129).

Essa integridade de um objeto – o caráter de sua *coisidade* – tem um potencial processional evocativo. Continuando com Bollas: "Para o inconsciente, não há diferença entre um objeto evocativo material e um imaterial; ambos são igualmente capazes de expor o *self* a uma experiência interna complexa" (2009/2025, p. 129). Portanto quando me envolvo com um samba, experimento-o tanto consciente quanto inconscientemente. O que se apresenta de fundamental importância para a concepção de um objeto é ressaltado por Bollas: na teoria das relações objetais, mais atenção é dada ao objeto como receptáculo do projetado do que à integridade do objeto e seu potencial processional. Bollas passa a dar, desse modo, importância ao perfil de cada coisa, uma estrutura própria cujo uso gera uma experiência psíquica específica de seu caráter, tornando-o distintamente transformacional para o indivíduo. Podemos usar um objeto para fins projetivos, lembrando que os dois aspectos – o projetivo e o receptivo – ocorrem conjuntamente, mas aqui salientamos que a experiência com os objetos nos afeta a partir de sua integridade estrutural de acordo com seu caráter. Estamos falando de "objetos evocativos" que, como veremos adiante, se situam como desdobramentos dos "objetos transformacionais". Pensamos ser importante nos determos brevemente nesses termos.

Bollas (1987/2015) utiliza o termo objeto transformacional como modo de descrever a qualidade da experiência que o bebê tem com seu objeto primário. O bebê têm notícias da existência desse objeto a partir das transformações que acontecem nele, e que ele identifica como sendo oriundas de algo fora de si. Embora Bollas use o termo *objeto*, o próprio autor reconhece

que esta não é a melhor palavra para designar a natureza da experiência que o bebê tem com esse outro, visto que esse é vivido muito mais como um *processo* do que como objeto de representação. É uma experiência semelhante à que temos com o sol. Imaginemos alguém que nunca tivesse visto o astro-rei, nem soubesse de sua existência, ainda assim esse ser humano hipotético intuiria que as transformações térmicas sentidas em si mesmo, se devem, em grande parte, a algo fora de si. Nesse sentido, a identificação que o bebê faz da mãe[5] com as transformações ocorridas em si mesmo não é uma ilusão, pois a mãe efetivamente transforma constantemente o mundo do bebê com os seus gestos de cuidado. As transformações têm, inicialmente, um caráter corporal, já que, no princípio, é por meio do cuidado no corpo e das transformações corporais que o bebê se dá conta da presença e da existência de um outro. No entanto, Bollas (1987/2015) considera que a experiência transformacional, quando positiva, se estende para a forma como o ambiente sensivelmente percebe aspectos do idioma do bebê e responde às suas expressões idiomáticas. Os pais, quando sensíveis aos gestos do bebê, percebem, por exemplo, que este se interessa por objetos vermelhos, mais do que por azuis, ou que seus olhos brilham de entusiasmo quando escutam uma determinada melodia. Esses pais passarão a oferecer objetos que ressoam esses interesses recém descobertos do bebê e, à medida que cresce, ele vai gradativa e progressivamente descobrindo e se apropriando de partes de si mesmo por meio do encontro com esses objetos oferecidos pelos pais e, pelo uso dos próprios pais, que se oferecem como objetos de uso, principalmente nos jogos e brincadeiras que seguem as construções idiomáticas da criança.

Dissemos acima ao falar dessa evolução da experiência transformacional: "*quando positiva…*". Esse adendo se deve ao fato de que as experiências transformacionais podem ter também caráter negativo. Todas as transformações que acontecem no bebê são identificadas por ele como se originando de um outro, e essas experiências inscrevem em nós o anseio pela transformação. Dé-

5. Quando se refere à identificação que o bebê faz da mãe como objeto transformacional, Bollas não usa a palavra mãe no sentido da "pessoa física mãe", sua referência é à mãe-ambiente winnicottiana: "Nos primeiros anos de vida, o sujeito não se diferencia com clareza do ambiente e só gradualmente começa a perceber as fronteiras entre si e o universo familiar e sociocultural mais amplo. A *mãe-ambiente* é aquela que precede a experiência de ter sido cuidado por uma *pessoa*: ela é o campo de uma subjetividade ainda nebulosa, podemos compará-la a *uma bolha sonora* que se aproxima e se afasta; produz transformações que surgem do nada, como se fossem produzidas pela mão do destino. As mudanças são visíveis, mas quem as produz é um campo de forças invisível" (CINTRA; RAMOS, 2024, p. 83).

cio Gurfinkel (2015), a esse respeito, propõe que está implícita na formulação de Bollas a ideia de que o princípio fundamental que nos move é um "princípio transformacional" (p. 19), isto é, não é apenas a busca pela descarga pulsional, como diria Freud, ou pelo objeto, como pensam o teóricos das relações objetais, mas pela transformação, o que pode envolver descarga de pulsão e relação de objeto, mas não se limitam a elas. Ora, se as transformações foram primordialmente negativas, o sujeito poderá se movimentar na vida impulsionado pela busca de transformações semelhantes, já que foram as transformações possíveis e o vínculo possível com o objeto primário. Este seria, por exemplo, o caso dos pacientes *borderline* que, como Ahab de *Moby Dick*, buscam incessantemente a turbulência. A esse respeito, relacionando a busca pela transformação com a busca por experiências estéticas, Bollas diz:

> Embora minha ênfase aqui seja na experiência estética positiva, é bom lembrar que uma pessoa pode procurar uma experiência estética negativa (...). Alguns pacientes *borderline*, por exemplo, repetem situações traumáticas porque através dela se lembram existencialmente de suas origens. Na vida adulta, portanto, buscar o objeto transformacional é lembrar uma experiência objetal precoce para recordar, não cognitiva, mas existencialmente — por meio da experiência afetiva intensa — uma relação identificada com experiências transformacionais cumulativas do *self* [6]. (BOLLAS, 1987/2015, p. 53)..

Reconhecemos, portanto, a partir de Bollas, a dupla-face do objeto transformacional, com suas potencialidades negativas e positivas. Neste artigo, no entanto, nossa ênfase será nas experiências positivas, em especial naquelas experiências de transformações que dizem respeito aos momentos em que há uma ressonância entre os objetos exteriores e o idioma pessoal.

Retornando à experiência de uma das autoras: fui alcançada na experiência, navegada pelas ondas da melodia, convidada (ao contrário de pegar o leme da experiência) pela integridade estrutural do samba – por que este e não os demais? Busco responder a partir do próprio Bollas no capítulo *Objeto evocativo* do livro *Sendo um personagem*: "A integridade estrutural de um objeto é parcialmente derivada de sua capacidade atômica e de seu uso potencial específico, de modo que quando o empregamos ele nos afeta de uma maneira con-

6. Em outro momento, Bollas afirma: "A personalidade *borderline* busca inconscientemente a turbulência emocional. Embora doloroso e perturbador, o estado de tumulto é desejado, e, paradoxalmente, o encontrar-se num estado de angústia produz gratificação" (BOLLAS, 1995/2003, p. 12).

gruente com seu caráter" (1992/1998, p. 22). Voltando à experiência relatada, aquilo que foi despertado em mim de modo psicossomático tem conexão direta com o caráter do vivenciado: a resposta interior e corporal de acordo com a integridade do samba – este e não outros – de modo inexorável, com toda sua sonoridade específica e seu potencial de chamado, provocando ressonâncias com meu idioma. Além disso, vale ressaltar que o objeto samba chegou de forma inesperada, o que Bollas denomina de objetos aleatórios nos evocam 'texturas psíquicas' que não refletem as valorizações do desejo. Sobre os objetos aleatórios:

> Não selecionamos, por assim dizer, os objetos aleatórios para expressar o idioma pessoal do *self*. Em vez disso, somos burlados pela chegada inspiradora do não selecionado, que geralmente garante um tipo muito especial de prazer – o da surpresa. Este prazer nos faz abrir horizontes, liberando uma área como quando uma chave abre a fechadura. Em tais momentos podemos dizer que os objetos nos usam, referindo ao inevitável efeito combinado de mão dupla entre o *self* e o mundo do objeto e entre o desejo e a surpresa. (BOLLAS, 1992/1998, p. 24)

Deleitei-me com o inesperado, contudo isso só foi possível a partir da recepção da ruptura que a surpresa causou ao meu mundo interior, ao desprender-me dos anteriores estados de self que me visitavam. Não sabia o motivo pelo qual escolhi sair de casa naquela noite, mas, seguindo o pensamento de Bollas, uma das razões era seu potencial de experiência, uma vez que cada objeto proporciona diferentes texturas de experiência do self. A seleção e uso real do objeto sendo necessários para a liberação da expressão de nosso self; reconhecendo a capacidade intrínseca de um objeto fazer isso.

É importante o destaque dado por Bollas no texto *Aspectos da experiência do self* (1992/1998) de que existe uma dualidade da chegada do objeto – ou pelo desejo ou pelo acaso – eis a ambiguidade que constitui o ser humano: tanto comanda a vida quanto é comandado. Dá-se uma dupla experiência com os objetos, como "veículos do desejo e como provocadores espontâneos de experiências interiores" (1992/1998, p. 16) Tanto somos timoneiros quanto somos navegados pelo mar. Tal dupla experiência com os objetos são um eco da experiência do *self:* tanto somos iniciadores da vida como iniciados por ela.

A busca pela transformação

Tempo rei, ó, tempo rei, ó, tempo rei
Transformai as velhas formas do viver
Ensinai-me, ó, pai, o que eu ainda não sei
Mãe Senhora do Perpétuo, socorrei.
Gilberto Gil (1984)

Os caminhos não dormem.
Mia Couto (2024)

As referências às vivências de transformação ao longo da experiência apresentada no início do texto já foram diversas. A seguir, aprofundaremos nosso diálogo com a faceta evocativa e transformadora dos objetos.

Tal faceta até então reconhecida nos objetos evocativos é remetida aos objetos nutridores: vamos, portanto, ao que Bollas define como objeto transformacional. Aqui nos referimos à mãe[7] como um processo identificado com as transformações internas e externas, ou seja, um objeto transformacional é reconhecido pelo bebê quando ele vivencia os processos que modificam a experiência do *self*. A mãe altera constantemente o ambiente do bebê para ir ao encontro das necessidades dele; além disso, as capacidades egoicas do infante – de motilidade, percepção e integração – também são transformativas, alterando seu mundo interno. O bebê identifica tais modificações, tanto das transformações psicossomáticas quanto do ambiente externo, com o objeto mãe que se deixa conhecer pelos seus cuidados, ou seja, a alimentação, as carícias, a limpeza, os atos de ninar, trocar fraldas, as brincadeiras. Através do estilo de ser e se relacionar da mãe, esta transmite sua estética; a internalização de sua forma pelo bebê é anterior à internalização de suas comunicações verbais.

Assim, no texto *O espírito do objeto como a mão do destino* (1987/2015), Bollas assinala a experiência que o bebê tem da mãe, enquanto objeto transformacional, como a primeira estética humana:

> A dor da fome, um momento de vazio, é transformada pelo leite da mãe em experiência de plenitude. Esta é a transformação fundamental: vazio, agonia e raiva se tornam plenitude e contentamento. A estética desta experiência é o modo específico da mãe ir ao encontro das necessidades do bebê e de transformar suas realidades interna e externa. Ao lado da experiência subjetiva do bebê de ser transformado está a realidade de que ele está sendo

7. A mãe compreendida mais como um processo do que um objeto.

> transformado de acordo com a estética da mãe. Acredito que ele incorpora junto com o leite, a nova experiência (plenitude) e a estética de cuidados maternos. (BOLLAS, 2015, p. 68).

O objeto primário "imprime", portanto, no bebê o seu idioma de cuidados, de modo a facilitar a expressão e articulação de seu idioma inato (do infante) definido como cerne do *self* – uma marca própria de cada um, senso do núcleo que dá origem a nossa estética de ser. No livro *Forças do Destino*, Bollas define o idioma: "um conjunto das possibilidades pessoais únicas, específicas desse indivíduo e sujeitas, em suas articulações, à natureza da experiência vivida no mundo real" (BOLLAS, 1992/1998, p. 22).

Ressaltamos o sentido de estética[8], não como algo artístico, mas como qualquer experiência de transformação interna criativa pode ser. À medida que a mãe oferece cuidados próprios de seu idioma, apresentando objetos que atraem o interesse do bebê, ela dá forma ao idioma da criança. Isso gera, no decorrer de nossa vida, o desejo de reencontrar tal experiência inaugural: o contato com o mundo sendo guiado pelo ressoar de nosso idioma com elementos de nosso ambiente primário, estabelecendo assim uma relação subjetiva com os objetos. Desde a primeiríssima infância e no decorrer da vida, procuramos objetos que deem expressão e articulem nosso idioma.

O reencontrar de tal experiência originária vai nos guiando no anseio de transformação através da busca de objetos que na vida adulta são procurados por sua função como um significador de transformação. A busca não é por possuir o objeto, mas este é "procurado para que se renda a ele como um meio que modifica o self, onde o sujeito – enquanto suplicante – se sente agora receptor dos cuidados ambiente-somáticos identificados com a metamorfose do self" (BOLLAS, 2015, p. 50). A função primordial do objeto é, portanto, a de um meio de proporcionar transformação:

> A busca pela transformação e pelo objeto transformacional é talvez a relação de objeto arcaico mais penetrante e quero enfatizar que esta busca surge não pelo desejo pelo objeto em si (...). Surge da certeza da pessoa de que o objeto trará transformação; esta certeza está baseada na capacidade nomeada do objeto de ressuscitar a memória da transformação egoica precoce (BOLLAS, 1987/2015, p. 62).

8. Adiante no texto esclareceremos mais o sentido de estética bollasiano. Entendemos a palavra 'estético' como qualquer experiência de transformação interna criativa.

Tal reencontro, mais que nostálgico, é uma busca que nos direciona para o futuro, na "esperança de transformar as velhas formas de viver", como belamente enuncia, sob a forma de prece, a canção de Gilberto Gil. Na mesma direção, Gurfinkel (2015, p.18) compreende "a busca pela transformação como anseio primordial que nos move".

O objeto – e aqui retornamos ao objeto evocativo – é buscado em seu potencial de ressuscitar memórias transformadoras inaugurais. O tempo-rei que nos conduz é tal qual rio, quando nele navegamos, também somos navegados, nós, seres suplicantes de vida nova, de transformações. Os caminhos que nunca dormem prometem águas de renovação, de batismos que nos encaminhem a experiências que nos convoquem à novidade. Quando saio para a roda de samba sigo, sem saber, o que me ofertarão as horas que transcorrem, mas vou guiada pelo anseio de transformação, caminho que não dorme. Indo em busca da coreografia originária, reencontro-a nos passos do presente que promete futuros, quando me perco de mim e da noção das horas.

A espantosa realidade das cousas

A espantosa realidade das cousas
É a minha descoberta todos os dias
Cada cousa é o que é,
E é difícil explicar a alguém quanto isso me alegra,
E quanto isso me basta.
Alberto Caeiro (1915)[9]

Pretendemos acima articular dois pontos fundamentais no pensamento de Bollas: primeiramente, a questão da busca pela transformação, ou seja, o sujeito-suplicante ansiando por cuidados reparadores e constitutivos através de experiências que prometam o reencontro com o ambiente materno. Um reencontro que transcende os primórdios transformadores, no sentido de ofertar futuros e expansão do *self*. O segundo ponto se refere a uma relação com um objeto real distinto do *self*[10] a pessoa sendo afetada pela integridade do objeto.

A partir dessa articulação, podemos afirmar que a *noção de transformalidade,* como diz Fernando Cembranelli (BOLLAS, 2021, p. 14), ou o *princípio*

9.PESSOA, F. (1987, p. 168).

10. Sobre a noção de verdadeiro self para Bollas: "Se vamos implementar uma teoria do verdadeiro self, julgo pertinente enfatizarmos como esse *self* nuclear é a presença singular do ser que cada um de nós é; o idioma de nossa personalidade. (...) Como um conjunto de disposições geneticamente herdadas, o verdadeiro self precede a relação objetal" (BOLLAS, 1989/2021, p. 35).

de transformação, assim nomeado por Decio Gurfinkel (BOLLAS, 2015, p. 18), são margem e leito tanto para o objeto transformacional como para o objeto evocativo. A busca pela transformação se dá através do uso de objetos culturais dos mais diversos: artísticos, religiosos, cada objeto sendo capaz de ofertar um ato de transformação evocador de estados nutridores do *self*.

Desse modo, quando o samba me captura – eu faço uso dele e ele faz uso de mim – tenho uma experiência estética, pois o objeto evocativo chama para tal; quando objeto transformacional e objeto evocativo se suplementam[11], Bollas (1992b) assim compreende:

> A experiência estética é uma recordação existencial do tempo em que o comunicar-se ocorria, basicamente através dessa ilusão de grande harmonia entre sujeito e objeto. O estar-com como forma de diálogo capacitou o bebê a processar sua existência, antes de habilitá-lo a processá-la por intermédio do pensamento. (p. 50).

Concluímos daí a inseparabilidade da vida mental interior do mundo real alcançado a partir da experiência vivida. Decerto saí enriquecida da roda de samba e estaria vinculada (aprisionada?) à familiaridade se tivesse ficado em casa. Algumas pessoas se lançam à novidade**,** outras circulam em torno do conhecido, dessa forma escolhemos os objetos que ressoam de modo mais confortável com nosso idioma.

Objetos singulares deixam uma impressão em nosso inconsciente, em parte proveniente de sua integridade e principalmente a partir do significado dentro de nosso idioma e self individual.

Continuando com Bollas, em *O mundo dos objetos evocativos*: "Se alguma dessas experiências for excepcionalmente evocativa, ela irá, pelo menos de acordo com o modelo de Freud, 'abrir um caminho' até o inconsciente do self, onde se juntará a linhas de pensamentos existentes e em movimento" (2009/2025, p. 135). Será a partir da convocação inconsciente que teremos o chamado de fazer algo: buscamos coisas que vão ao encontro do interesse inconsciente; mesmo sem saber o porquê. Ou teremos experiências que serão carregadas por outros sentimentos, como ansiedade ou tristeza. O chamado do nosso inconsciente abrindo um caminho na nossa consciência e nos direcionando. Na medida em que cada objeto tem um "efeito processional", Bollas

11. Compreendemos que há uma suplementariedade entre o objeto transformacional e o evocativo, ou seja, o objeto transformacional é, também, evocativo, e o objeto evocativo é, também, transformacional.

vincula o pensamento à experiência, ou melhor, define a experiência do objeto como uma forma de pensamento (2009/2025, p. 145).

A evolução de seu conceito de objeto evocativo é apresentada por Bollas no livro *O mundo dos objetos evocativos* (2009/2025). No entanto, a ideia do conceito se inicia na apresentação do objeto transformacional no livro a *Sombra do objeto* (1987/2015, 1987/1992b) em que são desenvolvidas as formas como os objetos podem agir como processos, conforme descrevemos acima.

Bollas também chama a atenção para o mundo dos objetos reais e como usá-los. Nas suas próprias palavras:

> Em *Forças do destino*, minha intenção era mostrar como o uso real de objetos na infância, não apenas pensar evocativamente sobre um objeto, inscrevia-se em nossa mente. Assim, ao pensar mais tarde em um objeto de nossa infância, implicitamente estávamos lembrando da experiência do objeto naquela época. Essa inscrição temporal foi um passo crucial na minha mudança de visão de que é o objeto como *coisa em si* que precisa da atenção da teoria psicanalítica (BOLLAS, 2009/2025, p. 142-143).

Estudar o impacto estrutural de um objeto no *self* foi a proposta apresentada no livro *Sendo um personagem* (1992/1998). Bollas não desconsidera a maneira como os objetos servem como receptáculo do projetado, entretanto, seu foco passa a ser o caráter específico de um objeto. Cada objeto com sua própria "coisidade" e seu "potencial processional", com uma especificidade tal que nos afeta de acordo com seu perfil.

No livro, *Cracking up* (1995), Bollas amplia sua noção do uso dos objetos a partir do uso e articulação dos objetos com o idioma. Assim, a pessoa passa a tomar a vida como um objeto, e a partir de sua percepção emocional, é capaz de ter uma profunda apreciação do mundo dos objetos.

Finalizamos este item mostrando a aproximação entre a profunda e sintética reflexão de Bollas e a poesia de Fernando Pessoa, pseudônimo Alberto Caeiro. Bollas escreve: "O pensamento que se desenvolve a partir de encontros vividos no mundo real – em contraste com aqueles que surgem exclusivamente da mente – traz as marcas da vida" (2009/2025, p. 137). No verso de Caeiro intitulado *A espantosa realidade das cousas* o poeta enfatiza que a vida está na coisa em si, assim como os encontros vividos no mundo real de Bollas. Ambos partindo de um lugar que promete *jouissance*, e reconhecendo "engajamentos existenciais como uma forma muito diferente de pensar quando comparada ao pensamento cognitivo", assim nos diz Bollas (2009/2025, p. 150). Nosso uso de coisas reais como forma de pensamento, o pensamento através das coisas.

O colar da mãe

Mãe é: não morrer.
Clarice Lispector (2016, p. 239)

Alice[12] é uma mulher com um sorriso largo convivendo com angústias e culpa. Com a mãe idosa e demenciada, sua culpa maior é a de ter decidido, junto com as irmãs, hospedá-la em uma casa de repouso. Chega também muito identificada com a mãe, pois com 50 anos não vê futuro para si, se acha também "velha". Culpa-se ainda de ter mágoas da mãe, que era depressiva e aprisionada ao marido, querendo-o ardorosamente de volta, mesmo após uma separação conjugal. Dói demais, ela diz, ver uma mãe, outrora com força para cuidar das filhas, agora tão fragilizada, a mãe se indo, a mãe que não está mais lá. Dói essa insistência da raiva convivendo com a ferida aberta, carne viva, tendo que enfrentar a realidade de perdê-la a cada dia. Apalpava doída a tessitura sombria do que vivera, a massa espessa do ressentimento; esbarrando na própria vulnerabilidade frente ao mistério: o quanto de vida se mantém ali, quando parece que não está mais lá; quando o definhar escancara a iminência da morte? Como aquecer o frio da finitude? Haverá tempo para elaborar em meio a tanta ambivalência e turbulência o incontornável nunca mais?

Vivemos assim entre agonia e estratégias de buscar respiros no reconhecimento de que há vida para além do luto: o próprio luto pode acenar com vislumbres de que existem caminhos que não dormem, caminhos que se abrem para fora da sombra.

Há assim dias de alegria de reconhecer sua riqueza de vida-trabalho, casamento, filhos, sua própria robustez de alma – mas outros em que o grito preso na garganta pede apaziguamento e minha companhia. Foi desse modo que chegou um dia muito angustiada e triste porque as irmãs começaram a desmontar a casa da mãe, doando roupas e objetos. Alice fica numa desesperada confusão perante o antecipar da despedida. Afinal, a mãe não está viva? Mas o quão viva está? Começa a mexer nos objetos e encontra muitos retalhos, restos de colchas costuradas para filhas e netos. Leva-os então para casa e, no meio de bijouterias, encontra um colar – vestígio da vaidade materna; vermelho vivo de cor de coração e passa a usá-lo. Enfeita-se com ele para ir a uma festa; eis o objeto-mãe. Já faz

12. Alice é uma vinheta clínica de uma das autoras, em função disso, escrita em primeira pessoa.

duas sessões que vem com ele, à semelhança da *madeleine* de Proust (2002/1903)[13], que, segundo Bollas, não apenas reconecta com o passado. No dizer de Nettleton, Bollas reconhece a *madeleine* não apenas como um...

> (...) recipiente para conter uma memória particular, mas como um portal para um vasto domínio de associações. Esses objetos altamente catexizados criam nódulos de intensidades e significâncias no inconsciente, deixando uma marca que combina as qualidades do objeto em si com seu significado individual para nós – sua interação com nosso idioma e nossa história (NETTLETON, 2018, p. 76).

O colar pode ser considerado um objeto mnêmico – aquele ligado à memória do tempo que a mãe estava viva para as filhas, de um tempo em que a mãe desfilava sua feminilidade. O objeto mnêmico mantém Alice conectada a estados anteriores do self e, portanto, no dizer de Nettleton (2018, p. 75): "pode conter uma riqueza evocativa particular". Essa riqueza evocativa foi apresentada acima no desdobrar da história de Alice com sua mãe e no encontro com o colar. Colar é mãe; assim abre-se um portal para novas intensidades subjetivas; ao mesmo tempo em que o colar é posse da filha – ambas se encontram num objeto e, quem sabe, capaz de constituir abertura no luto para deixar para longe o tempo de que não ter a mãe em seus cuidados concretos significava morte.

Já falamos de objetos aleatórios e mnêmicos, ambos com potencial evocativo; mas é importante também mencionarmos os objetos terminais, estes são não evocativos e não possibilitam a elaboração de nosso idioma. Nessas situações, se trataria de experiências nas quais o que prepondera são as matrizes de trauma, desligadas da criatividade dos *genera* psíquicos.

Em oposição ao trauma, Bollas propõe no capítulo, *Gênese psíquica*, o conceito de *genera* – "...a incubação psíquica das catexias libidinais do mundo objetal" (1992/1998, p. 50). Enquanto o *genera* desenvolve-se através da elaboração do idioma pessoal via liberdade psíquica; o trauma "leva o self da pessoa a curvar-se" (p. 51) o que conduz a uma dor psíquica e a um trabalho inconsciente bem diferente. "Trauma" e "*genera*" são disposições do ego em relação à realidade, estes dois princípios dependem das experiências do bebê e da criança em relação aos pais. Seguindo Bollas (1992/1998):

13. *Madeleine*, de Marcel Proust (2002/1903), é um episódio no qual o sabor da madeleine mergulhada no chá evoca memórias, no livro *Em busca do tempo perdido*, especialmente o trecho *No caminho de Swann*, onde ocorre essa cena.

> As crianças cujos pais são muito intrusivos ou as traumatizam guardam estes traumas numa área psíquica interior, que tende a direcionar e limitar os danos causados ao self; essa zona, entretanto, irá se nucleando em um complexo, um núcleo de um sofisticado e crescente interior, cada vez maior à medida que outros traumas correlatos sejam "derivados" inconscientemente para ela para uma contenção entrelaçada (p. 51).

Em outra direção, Bollas (1992/1998) diz:

> Crianças cujos pais proporcionam experiências que contribuem para a propagação elaborativa de seu idioma pessoal desenvolverão, subsequentemente, uma abertura de pensamento em relação às possíveis contribuições ao mundo objetal (p. 51).

E esclarecendo ainda mais com o texto de Nettleton: "Aqui estamos nos referindo aos *genera* que constituem matrizes ou nódulos de intensidade interior criados quando ideias, imagens e sentimentos são atraídos por uma "gravidade psíquica coletora" (2018, p. 35).

O relevante para nós é o de vincular os *genera* com o uso de objetos: aqueles geram o desejo de novas experiências prazerosas, a ânsia de objetos externos propiciadores de transformação, dando lugar a uma visão criativa da realidade com o self buscando seu crescimento a partir de sua articulação com objetos externos.

A presente explanação do conceito de *genera* visa chamar a atenção do leitor para essa criativa reflexão, que promove um engajamento com os objetos e, de modo singular, com os objetos evocativos. Por outro lado, nas pessoas geridas por matrizes de trauma, a busca de experiências generativas fica restrita pelo intuito de proteger o self; já que novos objetos que evocam intensidades, engajamentos potentes e instintuais podem abalar as estruturas. O trauma dessa forma restringiria os *genera*. Nesse caso, os indivíduos anulam a face evocativa-transformacional dos objetos e evitam aqueles com alto potencial evocativo.

Retornando aos *genera*, a extensa seleção de objetos realizada com entusiasmo e intensidade, a liberdade na interação com os objetos serve como um indicador de saúde psíquica. O engajamento entre realidade externa e interna pode passar a indicar um relevante fator diagnóstico, capaz de auxiliar no reconhecimento de várias formas de patologias.

Estamos diante da mente inconsciente não só construída por matrizes de traumas, mas também por elementos do mundo objetal que chegam à consciência por caminhos criativos. Este é o inconsciente receptivo de Bollas: inconsciente formado por ideias recebidas por razões criativas:

> Assim, com a recepção, o ego entende que o trabalho inconsciente é necessário para desenvolver uma parte da personalidade, para elaborar a fantasia, para permitir a evolução de uma experiência emocional nascente e, então, as ideias ou sentimentos e palavras são enviados para o sistema inconsciente, não para serem banidos, mas para receberem um espaço mental para desenvolvimento, que não é possível a nível de consciência (BOLLAS, 1992/1998, p. 56).

Cada novo elemento torna-se, assim, parte de uma rede de *genera* psíquicos em crescimento, agrupamentos de pensamentos inconscientes que geram uma busca cada vez maior de objetos capazes de articular o idioma pessoal, ou seja, os objetos evocativos-transformacionais.

Bollas (1992/1998) esclarece que a escolha dos objetos dependerá do que eles sugerem em termos de tipos psicologicamente diferentes de experiência do *self*. Além da função mnêmica do objeto evocativo, como no caso do colar, nossas relações com os objetos se dão também de outras maneiras. Esses podem nos estimular sensivelmente, estruturalmente, conceitualmente, simbolicamente, mnemicamente, projetivamente.

O modo sensível diz respeito às sensações: paladar, tato, visão, audição e olfato. A sensibilidade do objeto diz respeito à sua materialidade e a relação que estabelece com o ego corporal. Quando selecionamos um objeto, somos afetados de acordo com seu caráter, com sua integridade estrutural. O uso de cada objeto propicia uma experiência interior específica.

Somos afetados conceitualmente, pois diferentes objetos suscitam uma diversidade de formas de pensamento. Como exemplo, Bollas (1992/1998) cita o uso de um balanço que, em seu conceito, propicia ideias de movimento, de prazer, de infância.

Os objetos podem também ser dotados de estados anteriores do *self,* significando experiências de nosso passado: transformam-se em objetos mnêmicos como a *Madeleine* de Proust (1913/2002) e o colar da mãe de Alice, marcando sua interação com nossa história e nosso idioma.

Outros objetos servem como continentes de projeção, auxiliando-nos a usar outras partes de nosso *self.* Bollas (1992/1998) dá o exemplo de ler M.Tatcher para acessar partes ásperas de sua personalidade[14]. Os objetivos projeti-

14. Quando nos envolvemos com um filme de terror ou mesmo de suspense, podemos pensar numa aproximação de forma protegida das agonias impensáveis (WINNICOTT, 1963/1990). Se escolhemos uma comédia, buscamos entrar em contato com experiências de leveza como uma parte de nosso *self*.

vos, embora efêmeros, segue Bollas, servem para pensar partes diversas de nosso *self*.

Objetos têm nome e, aqui estamos nos referindo a seu pertencimento a uma ordem simbólica. Voltando ao exemplo do balanço, podemos pensar em como uma palavra também se vincula a outros significantes; como escreve Bollas (1992/1998): "*swing*" como música ou "*swing*" como oscilação de humor.

Assim usaremos cada objeto, empregando-o de acordo com uma das ordens acima, selecionando-as de acordo com a prevalência de sua capacidade evocativa. No dizer de Bollas: "uma vez usado o objeto – tanto observando meu filho brincar (no balanço) ou mesmo balançando-me no brinquedo – este evoca sua marca em mim de acordo com as seis ordens evocativas, agindo num jogo de estados interiores" (BOLLAS, 1992/1998, p. 23)

Esclarecendo as seis ordens evocativas funcionando como "um jogo de estados interiores", citemos o exemplo do objeto balanço apresentado por Bollas:

> Andar de balanço pode ser aprendido através de sensações: usando o traseiro (para sentar), as mãos (para segurar as correntes) e os pés (para dar o impulso no chão e inclinar-se para iniciar o balanço). (...)Uma estrutura de experiência promove um fato interior específico do processo de "balançar-se". Para mim consiste num objeto mnêmico, para outros pode significar a falta de uma relação entre duas pessoas e a presença da solidão. Como um conceito, promove ideias de movimento (para cima e para baixo), de brincadeira, de infância, de prazer e assim por diante. Como uma palavra, na ordem simbólica ela se une a outros significantes (balanço: *swing*, música de uma época, ou oscilação *swing* de humor) e inevitavelmente a outras palavras que emergem em associação com esta palavra. Como elementos léxicos na sintaxe de experiências do self potenciais, nós podemos usar cada objeto para liberar um estado específico do self empregando-o predominantemente por sua capacidade evocativa em qualquer das ordens acima. *Inevitavelmente, a decisão de como fazer uso de um objeto irá permanecer nas metas inconscientes de uma pessoa.* (BOLLAS, 1992/1998, p. 23, grifos nossos).

Considerando o fato de que a forma como usamos os objetos permanece como metas inconscientes em cada um de nós, vamos fazer agora alguns comentários finais sobre as duas paisagens psíquicas apresentadas neste texto.

Da roda de samba ao colar materno: considerações sobre duas paisagens

Finalizamos esse artigo fazendo uso das palavras de Fernando Pessoa, mais propriamente de Alberto Caeiro, aquele que considera espantosa a realidade das "cousas", a qual podemos associar à integridade estrutural dos objetos:

> Assim tendo nós, ao mesmo tempo, consciência do exterior e do espírito, e sendo o nosso espírito uma paisagem, temos ao mesmo tempo consciência de duas paisagens. Ora essas paisagens fundem-se, interpenetram-se, de modo que o nosso estado de alma, seja ele qual for, sofre um pouco da paisagem que estamos vendo num dia de sol uma alma triste não pode estar tão triste como um dia de chuva. (...)Têm que ser duas paisagens, mas pode ser não querendo admitir que um estado de alma é uma paisagem que se queira simplesmente interseccionar um estado de alma com a paisagem exterior (PESSOA, 1987, p. 168).

Assim, inspirando-nos na ideia das paisagens, no meu caso, minha paisagem interior interpenetrou-se com a *coisidade* do samba – este podendo ser considerado como paisagem exterior. Assim como a integridade de um dia de sol, e acrescentamos um passeio num parque cheio de todas as gentes, pode animar uma paisagem interior que não poderia estar tão triste como estaria triste num dia de chuva. Vemos assim a paisagem exterior deixando suas marcas vivas na paisagem interior: a articulação com nosso idioma pessoal.

Eu estava em casa tomada pela mesmice – ou melhor, por um profundo marasmo –, em um momento existencial sem qualquer vislumbre no horizonte. Quando fui convidada para ir a um bar com samba, não tinha expectativa alguma de que seria tocada por qualquer abertura para o mundo. O retraimento e o desejo de movimento se confrontavam em mim.

Contudo, a energia do lugar e o ritmo do samba me arrebataram, resgatando-me da clausura em que me encontrava. Foi um momento estético diante de um objeto evocativo. Embora a experiência não tenha sido suficiente para transformar profundamente o meu *self*, ela trouxe, paradoxalmente, doses sutis de júbilo e esperança – como uma chuva delicada que fertiliza o solo, ao contrário dos temporais que prometem vida, mas devastam a terra.

Trata-se de uma abertura para o mundo que, mesmo sem o peso do extraordinário ou do duradouro, pode, ao se somar a outras vivências estéticas, expandir o meu idioma pessoal em um ritmo calmo e sutil.

O colar da mãe de Alice em sua materialidade e seu potencial evocativo situa-se também como paisagem exterior que traz à Alice conexão com estados anteriores do *self*; de um tempo em que podia nutrir-se de sua mãe o mais viva possível. Um colar – objeto mnêmico que se interpenetra com a paisagem interior de Alice.

Paisagens, aproveitando o dizer de Caeiro, que se fundem, interpenetram-se. Desse modo, a psicanálise ganha para além dos objetos internos, na direção de um pensamento vivificador sobre os objetos inanimados: o interior com o exterior interseccionando-se. A espantosa realidade das "cousas", sendo o que é e colaborando na direção de possibilidades de transformação: na expansão do interno. Assim, eu saí transformada da roda de samba; do mesmo modo que Alice foi alcançada por intensidades psíquicas a partir do reencontro com o colar-mãe.

Os objetos inanimados com seu potencial convocador convidam à experiência, à saída para além das paisagens interiores, na direção do exterior; dando uma oportunidade para a novidade e o inesperado. Algo do inusitado, do aleatório: daí o chamado para a experiência.

"Num dia de sol uma alma triste não pode estar tão triste como um dia de chuva" (PESSOA, 1987, p. 168).

Referências

BOLLAS, C. (1989). *Forças do destino:* psicanálise e idioma humano. Trad. Bergallo. Rio de Janeiro: Imago, 1992a.

_____. (1987). *A sombra do objeto:* psicanálise do conhecido não pensado. Trad. Bergallo. Rio de Janeiro: Imago, 1992b.

_____. *Cracking up: the work of unconscious experience*. Routledge, 1995.

_____. (1992). *Sendo um personagem*. Trad. Carvalho, S. Rio de Janeiro: Revinter, 1998.

_____. (1995). O desejo borderline. Trad. Karina Iguelka. *Percurso*, 30(1), p. 5-12, 2003.

_____. (1987). *A sombra do objeto. Psicanálise do conhecido não pensado.* Trad. Fátima Marques. São Paulo: Ed. Escuta, 2015.

_____. *Forças do destino*: psicanálise e idioma humano. Trad. Liracio Jr. São Paulo: Ed. Escuta, 2021.

_____. (2025). *O mundo dos objetos evocativos.* Trad. Liracio Jr. São Paulo: Ed. Nós, 2025.

CINTRA, E. M. U.; RAMOS, J. F. S. Os casos borderline e o Moby Dick: uma leitura baseada em Christopher Bollas. In: CINTRA, E. M. U. (Org.). *Por que Bollas*? São Paulo: Zagodoni, 2024.

COUTO, M. *A cegueira do rio.* São Paulo: Companhia das Letras, 2024.

GIL, G. (1984). Tempo Rei. In: *Raça Humana*, 1984.

LISPECTOR, C. Menino à bico de pena. In: *Todos os contos*. Rio de Janeiro: Rocco, 2016.

NETTLETON, S. *A metapsicologia de Christopher Bollas:* uma introdução. (Trad. Lirácio Jr.; Revisão técnica Amnéris Maroni. São Paulo: Escuta, 2018.

PESSOA, F. *Obra completa de Fernando Pessoa:* Alberto Caeiro Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1987. p. 168.

PROUST, M. (1913). *Em busca do tempo perdido: no caminho de Swann*. Trad. F. Py. Ediouro, 2002.

VIOLA, P. (2007). *Timoneiro*. Compositores: Hermínio Bello de Carvalho, Paulo Cesar Baptista de Faria.

WINNICOTT, D. W. (1963). O medo do colapso. In: _____. *Explorações psicanalíticas: D. W. Winnicott*. Trad. A. Cabral. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990. p. 113-126.

Tramitação

Recebido 12/07/2025

Aprovado 23/07/2026